

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS CIDADE DE GOIÁS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TACIANO FEITOSA PEREIRA

**ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA NO MUSEU DAS BANDEIRAS DA CIDADE DE GOIÁS**

GOIÁS – GO
2022



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: **Taciano Feitosa Pereira**

Matrícula: **20171100080078**

Título do Trabalho: **ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: relato de uma experiência no museu das Bandeiras da Cidade de Goiás.**

Autorização - Marque uma das opções

1. (**X**) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Cidade de Goiás, 09/03/2022.

Taciano Feitosa Pereira

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

TACIANO FEITOSA PEREIRA

**ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA NO MUSEU DAS BANDEIRAS DA CIDADE DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
- Câmpus Cidade de Goiás, como parte
dos requisitos necessários para
aprovação da Disciplina de TCC 2.

Orientadora: Renata de Brito Falletti.

**GOIÁS – GO
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

370.157

P436a Pereira, Taciano Feitosa.

Arte-educação em espaço não formal: relato de uma experiência no Museu das Bandeiras da Cidade de Goiás / Taciano Feitosa Pereira; orientadora, Renata Tavares de Brito Falleti – Cidade de Goiás, 2022. 53 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. Arte educação. 2. Ensino formal. 3. Ensino não formal. 4. Espaços culturais. I. Falleti, Renata Tavares de Brito, orientadora. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

TACIANO FEITOSA PEREIRA

ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: relato de uma experiência no museu das Bandeiras da Cidade de Goiás.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADO EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Poéticas visuais e processos criativos, sob orientação do Prof^o. Me^a. Renata Tavares de Brito Faletti.

Aprovado em 10 de janeiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof^a. Me^a. Renata Tavares de Brito Faletti (Presidente - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Prof^a. Dr^a Ana Rita da Silva (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Prof^a Esp. Cristiane Alves de Araújo (Membro Externo)

Documento assinado eletronicamente por:

- Cristiane Alves de Araújo, Cristiane Alves de Araújo - Visitante - Ifg - Câmpus Cidade de Goiás (10870883001116), em 15/03/2022 10:58:54.
- Ana Rita da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/02/2022 10:38:37.
- Renata Tavares de Brito Faletti, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 13/01/2022 17:04:45.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 10/01/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 235217
Código de Autenticação: 550f11cea1



A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é educação como prática da liberdade.

Bell Hooks, 2013.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter me mantido neste percurso e ter permitido seguir em frente até aqui.

Agradeço a toda a minha família que também fez parte desta caminhada, sempre me incentivando. Aos meus amigos, que de uma forma ou de outra foram grandes incentivadores.

Sou grato a cada amizade feita no IFG Câmpus Cidade de Goiás, ao longo destes anos.

Agradeço ainda aos professores desta instituição, em especial a minha orientadora Renata Falleti por estar sempre presente e também incentivar o processo de pesquisa, leitura, escrita, enfim, agradeço a todos que contribuíram para minha formação.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Rua em direção ao Chafariz de Cauda e Museu das Bandeiras.....	8
FIGURA 2 - Banner de evento.....	17
FIGURA 3 - Museu das Bandeiras.....	30
FIGURA 4 - Vista aérea da cidade de Goiás.....	32
FIGURA 5 - Entrega da Restauração da Lavanderia do Alto Santana.....	34
FIGURA 6 - Bloco Afoxé Ayó Delê.....	35
FIGURA 7 - Parte superior do MUBAN.....	36
FIGURA 8 - Parte inferior do MUBAN.....	37
FIGURA 9 - Pátio do Lyceu de Goyaz.....	39
FIGURA 10 - Registro de observação de estágio.....	42
FIGURA 11 - Visita ao MUBAN.....	43
FIGURA 12 - Visita com os estudantes ao Museu das Bandeiras.....	44
FIGURA 13 - Visita ao Museu das Bandeiras.....	45
FIGURA 14 - Visita dos estudantes ao MUBAN.....	46

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Artigos analisados na pesquisa bibliográfica.....	20
--	----

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - A ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL E A MEDIAÇÃO EDUCATIVA EM ESPAÇOS CULTURAIS	10
1.1 Breve Histórico da arte-educação no Brasil	10
1.2 Arte-educação em espaços formais e não formais	13
1.3 O Museu como espaço não formal de Arte.....	14
 CAPÍTULO 2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS	 17
2.1 Surgimento da ANPAP.....	18
2.2 O ensino de arte nos espaços não formais de educação	21
 CAPÍTULO 3 - MUSEU DAS BANDEIRAS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL	 30
3.1 Museu das Bandeiras – Breve contextualização	31
3.2 Relatos de experiência: “Museus, Memórias e Patrimônio”	38
3.2.1 Breve Histórico e organização do Lyceu de Goyaz	39
3.2.2 Ensino e aprendizagem de Arte	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo evidenciar alguns aspectos da educação não formal e destacar alguns locais que promovam expressões de arte, enfatizando os museus, institutos, galerias e demais locais. A construção deste trabalho foi fundamentada a partir do estágio supervisionado realizado no Lyceu de Goyaz. Por meio da pesquisa bibliográfica, buscou-se analisar registros de materiais, documentos, artigos referentes à temática, para a construção do trabalho. Para delimitar a pesquisa, foram abordadas perspectivas do contexto histórico da Arte educação no Brasil, o ensino formal e não formal e, por último, os relatos de experiência em espaço de ensino não formal. O interesse pela realização da pesquisa, ocorreu a partir das percepções que instigam reflexões sobre as possibilidades da educação em espaços não formais, haja vistas a vivência e experiência no Museu das Bandeiras.

Palavras-chave: Arte educação, ensino formal, ensino não formal.

Abstract

This research aims to highlight some aspects of non-formal education and highlight some places that promote expressions of art, emphasizing museums, institutes, galleries and other places. The construction of this work were based on the supervised internship carried out at Lyceu de Goyaz. Through bibliographic research, we sought to analyze records of materials, documents, articles related to the theme, for the construction of the work. To delimit the research, perspectives of the historical context of Art education in Brazil, formal and non-formal teaching, and finally, the reports of experience in a space of non-formal teaching were approached. The interest in carrying out the work took place from the perceptions that instigated reflections on the possibilities of education in non-formal spaces, given the experience and experience at the Museu das Bandeiras.

Key words: Art education, formal educations, non-formal education.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo evidenciar aspectos da educação não formal e destacar locais que promovam expressões de arte, enfatizando os museus, institutos, galerias e demais espaços. Inicialmente buscou-se analisar as possibilidades da construção deste trabalho, tendo em vista a experiência de Estágio Curricular Supervisionado de Artes Visuais realizado no Lyceu de Goyaz. Para delimitar a pesquisa, inicialmente foram abordadas perspectivas sobre o histórico do ensino da arte-educação no Brasil e ainda, sobre a educação não formal, posteriormente, fizemos um levantamento de pesquisas em arte apresentadas em encontros da Anpap, analisando os aspectos relacionados à mediação cultural entre ensino de arte e espaços não formais de educação, e, por fim, relatamos uma experiência de mediação cultural no Museu das Bandeiras desenvolvida durante o meu estágio supervisionado na licenciatura em artes visuais.

Figura 1 – Rua em direção ao Chafariz de Cauda e Museu das Bandeiras



Fonte: Imagem de acervo pessoal

O interesse pela realização do trabalho abordando os espaços de ensino não formais ocorreu a partir de reflexões enquanto estudante de Licenciatura em Artes Visuais, o que fomentou o aprofundamento da pesquisa a partir de minhas

experiências enquanto educador em formação. Este é um tema relevante, tendo em vista a necessidade de abordar as possibilidades do ensino da arte para além dos espaços formais de educação, ou seja, para além da sala de aula, mostrando também as diversas possibilidades que esse processo de mediação cultural permite tanto para os estudantes quanto para os educadores.

Sendo assim, uma das questões problematizadoras que levaram ao desenvolvimento da pesquisa foi o desejo de identificar a importância dos espaços de ensino não formais e sua contribuição para formação dos estudantes e também dos arte-educadores. Dentre os objetivos, destacam-se: analisar as possibilidades de contribuição dos espaços de educação não formal tais como museus, exposições e outros espaços culturais e suas interrelações com a arte-educação no espaço escolar, no sentido de provocar a ampliação de referências culturais e simbólicas, leitura crítica das imagens, construção de narrativas, fortalecimento de identidades e identificação cultural. e ainda, discutir a experiência no Museu das Bandeiras, realizada durante o estágio, como perspectiva de arte-educação. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e o relato de experiência, na qual recorreremos artigos referentes à temática, realizando uma análise desses artigos para construção do aporte teórico.

O trabalho foi estruturado em três capítulos tendo em vista os objetivos da pesquisa. O *Capítulo 1 – Arte educação no Brasil e o ensino formal e não formal* foi elaborado com intuito de contextualizar brevemente algumas perspectivas históricas sobre a arte-educação no Brasil, fundamentando assim o trabalho.

No *Capítulo 2 – Revisão bibliográfica: arte-educação em espaços não formais* enfatiza a pesquisa por meio da metodologia bibliográfica, analisando publicações nos Anais da ANPAP, demonstrando a importância das produções acadêmicas para repensar as possibilidades no âmbito do ensino de arte. O *Capítulo 3 – Museu das Bandeiras: relato de uma experiência de arte-educação em espaço não formal* traz os relatos da experiência de estágio, apresentando, o relato de experiência, como parte empírica da pesquisa por meio de uma vivência em espaço não formal, o Museu das Bandeiras na cidade de Goiás, fazendo conexões com a arte-educação.

1 A ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL E A MEDIAÇÃO EDUCATIVA EM ESPAÇOS CULTURAIS

1.1 Breve histórico da arte-educação no Brasil

Iniciamos este estudo conceituando o que é arte-educação com intuito de fundamentar a pesquisa desenvolvida. Ana Mae Barbosa é uma das principais autoras que conceitua a Arte Educação no Brasil por meio de diversas publicações, dentre elas, o livro *A imagem no ensino da arte* (2019).

No Brasil, a Arte foi inserida no currículo escolar brasileiro a partir da reformulação da educação, assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 5.692/71. Esta Lei fez com que a Arte fosse incluída no currículo escolar, inicialmente considerada como “atividade educativa”, foi uma conquista fundamentada legalmente para a prática educacional e ainda reconhecendo a importância da arte no processo formativo dos sujeitos. Ainda assim, foi de certa forma contraditória esta proposição tendo em vista que não haviam professores com formação específica para a disciplina de Educação Artística (BARBOSA, 1989).

Para tanto, foi necessário que o governo federal criasse um novo curso universitário de Licenciatura em Educação Artística que prepararia os professores em apenas dois anos. Neste período de formação, os professores deveriam ser capacitados para ministrar em suas aulas conteúdos da música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico ao mesmo tempo para turmas do ensino fundamental entre 1º e 8º ano e em alguns casos no ensino médio. (BARBOSA, 1989).

Na época, a arte-educação era considerada somente uma atividade sem necessidade de notas. As técnicas desenvolvidas nas atividades artísticas ainda eram baseadas em desenhos geométricos, folhas para colorir (*laissez-faire*, o fazer por fazer), algumas técnicas de desenhos de observação entre outras (BARBOSA, 1989).

O ensino de arte na escola deveria ser considerado para além de somente estar inserido no currículo. As formas com que a arte era ensinada deveriam ser um grande diferencial. Ana Mae Barbosa (1989), problematiza de que modo aconteciam as propostas de ensino. Desde a inserção no currículo escolar, a disciplina e arte

ainda era vista somente como propostas decorativas em eventos escolares, nas lembrancinhas de datas comemorativas, enfim, estava sendo desenvolvida somente como livre expressão.

Não havia diretamente o estímulo da criatividade por meio de preparação profissional dos professores, logo, o improvisado nas propostas de atividade prevaleceu de certo modo. Há a crítica sobre a falta de preparo, tendo em vista a necessidade de relacionar diversos sentidos no ensino de Arte. Estes deveriam ser fundamentados relacionando as produções artísticas com o processo de apreciação estética e também informações históricas. No processo de ensino de Arte, deve ter como base a experimentação, a decodificação e a informação interrelacionadas (BARBOSA, 1989).

O ensino de Arte no Brasil é pautado por diversas perspectivas desde o período colonial, transitando pelo modernismo, até se inserir formalmente na educação brasileira.

Por meio da catequização e letramento que era de responsabilidade dos jesuítas, os povos indígenas no período colonial foram sendo ensinados a reproduzirem principalmente nas igrejas, algumas expressões artísticas com grande influência do Barroco, movimento artístico italiano do século XVI (SOUZA et al, 2018).

Partindo para o processo de estruturação do ensino de Arte, surgiu a Missão Artística Francesa liderada por Joachim Lebreton, que junto a vários outros artistas franceses, visavam sobrepor os parâmetros elitistas europeus, e assim romper com a predominância do Barroco e Rococó. Logo após a Proclamação da República, surge a Escola Nacional de Belas Artes fundada por D. Pedro I com intuito de formalizar o ensino de Arte. Era uma escola elitizada e voltada para o ensino profissionalizante sem práticas inovadoras e com foco nos trabalhos manuais. Somente no início do século XX que o ensino de arte se tornou obrigatório no currículo escolar. Porém, eram realizadas as técnicas de reprodução principalmente para fins industriais (SOUZA et al, 2018).

A movimentação da arte-educação no Brasil surgiu diante da Semana de Arte Moderna, em 1922. A ideia de livre expressão apoiada por Anita Malfatti contribuiu para a formação do movimento em São Paulo. No Rio de Janeiro, Mário de Andrade

era professor de História da Arte, e enfatizava a arte infantil como expressão espontânea que deveria ser estimulada. Posteriormente escreveu artigos com sua pesquisa sobre a temática da expressão infantil.

Esse momento teve influência direta no contexto educacional brasileiro, vez que trouxe outra perspectiva sobre a metodologia do ensino de Arte. Houve principalmente uma reavaliação sobre o ensino do desenho somente enquanto cópia, agora, as aulas eram um espaço voltado para a expressão de cada estudante, e o desenho seria o resultado real da liberdade de cada um. Mais tarde, surgiu o Movimento das Escolinhas de Arte direcionadas a crianças e adolescentes. (SOUZA et al, 2018).

O acontecimento da Semana de Arte Moderna em 1922 e logo em seguida a criação das Escolinhas de Arte, influenciaram diretamente o contexto educacional brasileiro no que se refere ao ensino de arte. Um dos principais objetivos era romper com os padrões em que a arte era produzida, e assim representar o país por meio da liberdade de expressão. Também foi um grande apoio para que fosse obrigatório o ensino de Arte nas escolas, posteriormente inserido nos currículos da educação (SOUZA et al, 2018).

Podemos relacionar a influência das Escolinhas de Arte na educação brasileira ao Movimento Escola Nova que também estabelece uma crítica e tentativa de ruptura com a pedagogia tradicional.

O foco seriam os estudantes, numa perspectiva pedagógica que prioriza o fato de que os estudantes devem aprender a aprender. O processo de “ensinar” na escola, passou a ser questionado, e assim substituído pelas aprendizagens espontâneas dos estudantes, sendo direcionadas por suas necessidades e interesses. Agora, não era somente professores na função de transmitir conhecimento aos estudantes, mas sim uma escola que incentiva a atividade dos próprios alunos em busca de conhecimento (MESQUITA, 2010).

Quanto ao currículo escolar, em 1971 houve uma reformulação dos objetivos na educação. Foram pautados na Lei nº 5692 de Diretrizes e Bases da Educação, que orientava uma educação tecnológica habilitando mão-de-obra barata para as grandes multinacionais que assumiam o poder econômico do país. Contudo, a Arte era a única matéria que permitia o mínimo de criação e expressão tendo em vista o

contexto ditatorial (BARBOSA, 2021).

O ensino da arte carrega significados bem como as demais disciplinas. Permite vários tipos de expressões, sentimentos, possibilidades diante dos contextos sociais, culturais, entre outros fatores na vida de cada estudante

1.2 Arte-educação em espaços formais e não formais

Diante das possibilidades abertas à educação, percebemos que houve diversas transformações no ensino de arte ao longo da trajetória brasileira.

Cumpramos ressaltar que a prática educativa é um fenômeno social que está relacionada ao funcionamento das sociedades. Esta não é somente uma exigência da vida em sociedade, mas também uma forma de prover aos indivíduos experiências culturais que os tornam aptos a estarem no meio social e transformá-lo conforme suas necessidades (LIBÂNEO, 2006).

O meio social exerce influências sobre os sujeitos por meio da ação educativa. Essa prática acontece em uma variedade de instituições e atividades sociais relacionadas às questões econômicas, políticas e culturais. Também podem acontecer os processos formativos em instituições sejam elas escolares ou não, porém com finalidade explícita de instrução de ensino (LIBÂNEO, 2006).

Entretanto, quando falamos sobre os processos de ensino neste caso, da arte, é necessário contextualizar as perspectivas do ensino formal e não formal.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394 de dezembro de 1996, está regulamentada a educação formal em diversas categorias, e assegura que

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, 1996 p. 10)

Trazendo para a perspectiva informal, a educação se torna uma abordagem

que possibilita a experiência e a construção de identidades. Em determinadas realidades, o ensino requer estratégias de reelaboração das técnicas ao que se refere à arte e suas diversas expressões. Alguns elementos caracterizam culturalmente determinadas regiões no sentido de proporcionar a experiência e a vivência de cada um e, influenciam práticas arraigadas de significados.

Tais influências, também denominadas de educação informal, correspondem a processos de aquisição de conhecimentos, experiências, ideias, valores, práticas, que não estão ligados especificamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. São situações e experiências, por assim dizer, casuais, espontâneas, não organizadas, embora influam na formação humana (LIBÂNEO, 2006 p. 15).

Assim, percebemos que os processos educativos estão completamente relacionados às perspectivas sociais e não deixam de estar interligadas aos contextos familiares e as relações sociais e econômicas. O modo de promover a educação, neste caso, o ensino da arte, permite estabelecê-la nas duas modalidades, formal e não formal e, é possível caminhar conforme as propostas curriculares e principalmente como forma de se adaptar aos contextos culturais e sociais em cada localidade.

1.3 O museu como espaço de arte-educação

Para ressignificar os “moldes” educacionais, é possível estabelecer novas propostas de abordagem do ensino de arte. No âmbito das relações sociais em que interligamos o ensino da arte, a cultura e a possibilidade de experiências que permitam caracterizar identidades, relacionamos a formação de cada sujeito nas perspectivas de educação ao que se refere a valorização dos contextos sociais e identidades. Tais características nos possibilitam refletir sobre os processos de ensino, e como é possível enfatizar no do ensino da arte.

A arte-educação permite a mediação entre a arte e as pessoas, o público. Há uma perspectiva de que espaços como museus e centros culturais deveriam ser os principais agentes preparadores do público para a percepção e compreensão do trabalho artístico. Mas não há tanto empenho destas instituições para facilitar o processo de apreciação da arte principalmente para crianças quando as visitas

guiadas se tornam entediantes (BARBOSA, 1989).

Ainda assim, estes espaços contribuem para o acesso aos trabalhos artísticos, algumas pessoas que não têm um nível de formação elevado, muitas vezes não se sentem pertencentes a determinados lugares.

Poucos espaços culturais, tais como museus, facilitam o processo de apreciação da arte pelas pessoas. As visitas guiadas não são atrativas principalmente para crianças. Porém, estes espaços contribuem de forma significativa para amenizar o sentimento de que o acesso à arte não existe, e também para reduzir minimamente o sentimento de ignorância dos visitantes. Dependendo do nível de graduação das pessoas, causa constrangimento, muitas não se sentem pertencentes aos lugares, não se sentindo com conhecimento suficiente para entrar em espaços culturais (BARBOSA, 1989).

Barbosa (1989) a necessidade dos museus deixarem de lado o posicionamento sacralizado e assumirem parcerias com escolas, pois somente elas podem oferecer aos estudantes da classe trabalhadora a oportunidade de entrarem e conhecerem um museu. Museus se reafirmam como lugares para a educação concreta sobre a herança cultural existente, e deveria pertencer a todos independente de classes sociais.

Museus são lugares ideais para possibilitar o contato com padrões de avaliação de arte por meio da história, podendo assim preparar consumidores de arte críticos sobre o que era representado anteriormente e também as representações artísticas de agora e futuras.

Logo, as possibilidades de educação estética são capazes de desenvolver a expressão, apreciação, decodificação e avaliação dos trabalhos produzidos por outros, e assim, associados ao contexto histórico, são fundamentais para o crescimento individual e enriquecimento do país, e ainda, se torna um instrumento para a profissionalização (BARBOSA, 1989).

Deve haver complementaridade entre os papéis dos curadores, arte educadores e pesquisadores. Todos estes participam organicamente na elaboração do discurso, da exposição, ao mesmo tempo diacrônico e sincrônico, baseado na analogia de imagens que nucleiam a exposição (BARBOSA, 1989).

O IBRAM é responsável por normatizar o trabalho dos museus brasileiros e possui uma página onde estão disponibilizados documentos importantes, dentre eles "Subsídios para elaboração de planos museológicos". Nesse sentido, adverte que:

O museu é um espaço múltiplo, que permite uma troca constante de conhecimentos, experiências e vivências. Ao entrarmos em um museu, somos tomados por um universo de sensações e expressões que nos ensinam mais sobre o mundo em que vivemos. Educar: eis uma dimensão e um compromisso social dos museus! A educação é um processo que ocorre em todos os espaços do museu. Basta atravessarmos a porta de entrada e já estamos diante de grandes possibilidades de troca, descoberta e aprendizagem. Tendo como referência o bem cultural e tudo o que envolve a sua construção e reconstrução, o processo educacional nos museus deve ocorrer de forma ampla e diversificada, abrangendo toda a pluralidade de públicos com os quais a instituição se relaciona. É partindo dessa ideia que o Estatuto de Museus afirma, em seu art. 29, que "Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação" (Lei nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009). A educação museal corresponde a práticas e processos educativos não formais que, na relação entre os sujeitos sociais, a memória e os bens culturais musealizados e passíveis de musealização, contribuem para a construção e a preservação da identidade partilhada por um grupo, comunidade ou sociedade, valorizando-os na diversidade.(IBRAM, 2021).

Os museus podem ter como objetivo aproximar a arte, os artefatos e as expressões artísticas da população. É necessário inter-relacionar curadoria, pesquisa e os conteúdos próprios da arte, facilitando a comunicação e a apreciação de quem visita o museu.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

A Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP, tem uma perspectiva educativa, científica e artística. Concentra vários pesquisadores que abordam em seus trabalhos diversas concepções acerca da arte e ainda sobre o seu ensino .

Figura 2 – Banner de evento



Fonte: <http://www.anpap.org.br/wp-content/uploads/2021/07/ANPAP-Banner-Even3-03.png>

A escolha do banner que representa o 30º Encontro Nacional, ocorrido de setembro a outubro de 2021, simboliza não somente um tema, mas também um convite à (re)existência principalmente por meio da arte, que permite em suas representações e possibilidades de expressões, manifestar e materializar símbolos de resistência diante do cenário atual da educação e da sociedade como um todo. É perceptível cada vez mais desmontes e falta de investimento público em educação, incentivos à arte e cultura.

Enfatizar a pesquisa científica neste trabalho, por meio da ANPAP, denota a importância das produções acadêmicas para repensar as possibilidades no âmbito do ensino de arte. Um dos objetivos do trabalho, é perceber e enfatizar produções relacionadas à arte-educação em espaços não formais e, posteriormente, enfatizar os museus.

2.1 Surgimento da ANPAP

Tendo em vista os espaços não formais como potencial de arte-educação no Brasil, este capítulo apresentará uma breve revisão bibliográfica desta área a partir das publicações da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP que possui caráter científico – artístico – educativo e que reúne pesquisadores, centros e instituições que promovem e divulgam a pesquisa no âmbito das artes visuais. Não possui fins lucrativos e, entre os associados, estão pesquisadores, acadêmicos ou independentes, com projetos ligados principalmente à pós-graduação. Sua estrutura organizacional é composta pela Assembleia Geral, Diretoria, Conselho Deliberativo, Comitês Associativos e Representações Regionais e/ou Estaduais (ANPAP, 2015).

A ANPAP surgiu em 1985, em um contexto em que o país estava tentando se reestruturar e trazer a perspectiva democrática novamente. Sua criação e organização trouxe algo que até então não existia. Mostrou que os artistas estavam se organizando para o novo contexto cultural do país. O diferencial da ANPAP é a contraposição ao sistema da indústria cultural, que se organizava entre pesquisadores de forma associativa autônoma. Conforme a autora Daisy Peccinini (2017, p.2):

Foi no seio das universidades no universo do saber, nos caminhos da ciência, onde as artes se refugiaram nos anos de exceção, que a questão associativa de artistas e teóricos da arte com metas de desenvolvimento científico, encontrou terreno fértil.

É perceptível a organização coletiva dos pesquisadores para enfrentamento de diversas questões, ao lidarem com um ideal coletivo visando um espaço de consolidação da arte-educação no Brasil. Tal espaço possibilitou o aprendizado dos profissionais e reflexões sobre a inovação no ensino da arte.

No final da década de 1980, tiveram como consequência a abertura política de forma “lenta e gradual” que aceleraram com iniciativas que visavam novas estruturas. Os novos contornos da indústria cultural eram direcionados pelo capitalismo. Tal indústria se estabelece enquanto um sistema, logo, a ANPAP

apresenta-se como um contraponto essencial que é a comunidade de pesquisadores em arte. Estavam articulados entre si de forma associativa, autônoma. Isto se tornou um diferencial da ANPAP, lhe rendendo grande dignidade (PECCININI, 2017).

Assim, podemos observar a importância da articulação dos pesquisadores, no trecho afirmando que “Foi no seio das universidades no universo do saber, nos caminhos da ciência, onde as artes se refugiaram nos anos de exceção, que a questão associativa de artistas e teóricos da arte com metas de desenvolvimento científico, encontrou terreno fértil.” (PECCININI, 2017 p. 2).

Nesse sentido, a formação da comunidade de pesquisadores demonstra a importância de estabelecer estratégias para conseguir recursos para fomentar projetos de pesquisa em arte. Assim, uma das figuras de extrema importância que idealizou e articulou a formação da ANPAP foi Silvio Zamboni, técnico analista de projetos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ele afirmava que os projetos e pesquisas em arte necessitavam de mais articulação para que recebessem mais aprovações. Sua iniciativa diante dessa área do conhecimento era inusitada, e tinha como intenção que fosse uma instituição bastante atuante (PECCININI, 2017). Diante desse histórico, percebemos que

A ANPAP nasceu como fruto de uma mística em relação ao desenvolvimento da pesquisa das artes, contaminando em definitivo todos, os que se propuseram a trabalhar por sua expansão coletiva, isto é, todos os que participaram e participam da associação (PECCININI, 2017, p. 07).

É nesse sentido que podemos relacionar as perspectivas de ensino de arte nas possibilidades dos espaços de ensino não formais. Todo empenho envolvido diante dessa associação, reafirma que a área de conhecimento da arte é fundamental para o desenvolvimento humano.

Com intuito de relacionar os espaços não formais na perspectiva do ensino de artes, foi necessário recorrer à pesquisa bibliográfica para estruturar este trabalho.

Logo, a pesquisa bibliográfica é realizada a partir dos registros disponíveis de pesquisas anteriores, registradas em documentos impressos, sendo livros, teses, entre outros. São dados de categorias teóricas já estudados e registrados por outros pesquisadores. Assim, os textos são fontes científicas a partir dos temas a serem pesquisados (SEVERINO, 2013).

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, realizar a pesquisa bibliográfica acarreta uma série de procedimentos visando chegar a soluções diante do objeto de estudo. O motivo de realizar esse tipo de pesquisa, consiste no fato que se entende como um processo no qual o pesquisador está em constante busca diante de um processo inacabado e permanente. Realiza atividade de aproximações com a realidade que podem refletir historicamente no cotidiano.

Nesse sentido, relacionamos os dados bibliográficos pesquisados com o objeto de estudo, ou seja, o ensino de arte nos espaços formais e não formais de educação, para assim chegarmos a algumas perspectivas relevantes.

Tendo em vista as produções científicas dos pesquisadores da ANPAP foi realizada pesquisa bibliográfica, na qual alguns títulos que dialogam com a temática foram analisados e inseridos na análise do processo de ensino, principalmente no que se refere à educação não formal. Foram pesquisados no site oficial, na aba que traz ao Anais dos encontros Nacionais da ANPAP, e filtrados pelo tema arte educação e educação em espaços não formais. O recorte temporal das produções científicas da ANPAP aqui pesquisadas e analisadas, está entre os últimos doze anos.

Quadro 1: Artigos analisados na pesquisa bibliográfica

Título	Autor/a	Ano	Conceitos/Abordagens
1. A Máscara e a face: proposta de instrumento e mediação.	Maria Helena Rosa Barbosa	2008	Arte-educação; espaços não formais e museu
2. A arte que cabe na palma da mão: outros olhares, outras Histórias em imagens, (re)conhecendo e revelando o bairro de plataforma em Salvador-BA.	Lilian Quelle Santos de Queiroz e Vladimir Santos Oliveira	2009	Arte-educação; espaços não formais.

3. Narrativas sobre identidades femininas em um contexto de educação não formal em Artes.	Mônica Lóss dos Santos	2014	Arte educação; espaços não formais
4. Estética Escolar – Os desafios da Arte nos processos de ensino informal em espaços da educação formal.	Julia Gouthier Macedo	2017	Arte – educação; espaços formais e não formais.

2.2 O ensino de arte nos espaços não formais de educação

Após breve contextualização da ANPAP realizada no item anterior, faremos uma analogia de textos pesquisados aqui relacionados com os objetivos deste trabalho, que estão fundamentados nas perspectivas da arte-educação em espaços não formais de ensino.

Tendo em vista os textos utilizados para fundamentação da pesquisa, é perceptível nos processos de ensino de arte, identificarmos algumas propostas relacionadas aos espaços não formais de educação. Ainda que os textos estejam relacionados com o ensino de arte, vale ressaltar que destacam as possibilidades de diversos espaços. Os pesquisadores apresentaram suas perspectivas por meio do trabalho em museus, centros culturais, ateliês, entre outros.

Quanto ao processo de ensino-aprendizagem de artes, há um ruído permanente que pode ser chamado “estética escolar” trazendo boa parte das concepções de ensino nas escolas. Porém, há possibilidades de percepção da educação informal nos espaços formais (MACEDO, 2017).

Tendo em vista os registros de pesquisa principalmente compartilhados pela ANPAP, surgiu interesse na relevância de algumas produções que demonstravam as possibilidades do ensino de arte nos espaços não formais. Há interesse na forma em que o ensino da arte é concebido, ensinado e como é aprendido pelos sujeitos.

Quanto à relação do processo de ensino da arte por meio dos museus, podemos associar ao que o seguinte texto afirma,

[...] vale sempre repensar o que ela ensina, como integra ideias e sentimentos, imaginação e jogo, reconstruindo suas funções na educação. Repensar, a partir das dinâmicas do nosso tempo, como as representações simbólicas falam e questionam identidades, posições de sujeito, modos de interação social. Sabemos que a arte pode tanto distinguir quanto excluir sujeitos e agrupamentos sociais que a escola abriga. Ela estabelece relações e diálogos com nossas vivências cotidianas, estimulando e influenciando nossa compreensão do mundo (SILVA et al, 2018 p. 32).

Nesse sentido, é relevante considerar os contextos históricos e sociais com intuito de atribuir sentido ao ensino da arte. A imersão em determinados ambientes, diz muito sobre perspectivas e vivências diárias para vários sujeitos no âmbito dos processos de ensino.

Alguns aspectos da diversidade cultural se apresentam como diferentes formas de interação dos sujeitos com representações simbólicas. Diante do processo de educação formal, a educação e aprendizagem cultural se relacionam, reafirmando a importância das manifestações expressivas da dança, artes visuais, música, teatro, como conteúdos a serem vividos no processo de formação educacional (SILVA et al, 2018).

As formas de experiência, em diferentes condições econômicas e sociais, tornam possível a construção de referenciais sobre a arte, seja dentro ou fora do espaço formal escolar. Os aspectos culturais situam os sujeitos permitindo possibilidades de apropriação, produção ou construção de conhecimentos e práticas artísticas. Assim, a arte permite a ampliação dos lugares dos sujeitos no mundo (SILVA et al, 2018).

Enquanto proposta das artes visuais diante de um currículo voltado para a diversidade cultural e a formação de identidades, percebe-se que uma das funções do ensino de Arte, na contemporaneidade, está no intuito de desenvolver e ampliar modos de perceber e romper com as formas convencionais de ver, assim, criam-se maneiras de desconstruir e criticar algumas estratégias sobre os significados das representações. Identificamos questões relacionadas à Arte com as possibilidades educativas que instigam educadores a refletirem sobre seus métodos pedagógicos focando nas interações dos estudantes com imagens do cotidiano (Silva et al, 2018).

Um dos textos analisados foi 'Máscara e a Face: "proposta de instrumento de mediação e análise crítica" de uma obra de arte em educação não formal', da autora Maria Helena Rosa Barbosa (2008).

Traz como proposta a reflexão sobre como os educadores por meio da educação formal, devem conduzir determinadas situações, que estejam atentos principalmente às questões socioculturais, com intuito de apoiar os estudantes a terem compreensão da realidade vivenciada e da cultura visual.

É perceptível que nas obras artísticas, os elementos da cultura visual são mecanismos que levam à reflexão sobre a cultura produzida. No que se refere a educação não formal, principalmente o educador que trabalha em museu, é necessário que esteja ciente das diferentes possibilidades de interpretação, ou seja, "múltiplas leituras" que o público pode fazer referente à uma obra, tendo em vista suas experiências visuais (BARBOSA, 2008). Uma obra de arte, criada em qualquer contexto histórico, possui seus valores estéticos, pode estar aberta a "múltiplas interpretações", que não estão somente na obra, mas em seu contexto.

Os processos de ensino da arte educação, vem se transformando seja na educação formal ou não formal. A autora aborda sobre a arte-educadora Teresinha Sueli Franz que traz como proposta de ensino da arte "a partir da imagem", seguindo a "abordagem cultural", conforme a proposta de "compreensão crítica da cultura visual" (BARBOSA, 2008).

Também assegura que o educador que se propõe a trabalhar a partir de imagens da arte ou da cultura visual, tanto em sala de aula, quanto museus entre outros espaços expositivos, requer a compreensão de que a imagem está posta como um objeto de estudo interdisciplinar e transdisciplinar. Isso pelo fato que as produções artísticas, podem gerar estudos com vistas a desenvolver reflexões sobre diversos aspectos que refletem na vida social dos estudantes (BARBOSA, 2008).

Aborda sobre os âmbitos de compreensão para analisar uma obra de arte, o que pode permitir respostas objetivas ou subjetivas.

Quanto ao âmbito pedagógico, permite ao educador explorar o que pode ser desenvolvido com os estudantes a partir da escolha de uma obra a ser trabalhada. Quando o educador entra em contato com a imagem, formula várias questões que podem ser usadas como ponto de partida para os estudantes terem compreensão

sobre arte. No âmbito estético/artístico, denota que os artistas com o passar dos tempos, estão sujeitos aos valores constituídos pela sociedade sobre suas obras. Há rompimento com determinados valores e elaboração de outros novos. Ao pesquisar e estudar a transformação dos valores, possibilita melhor compreensão da produção artística nos diferentes contextos socioculturais (BARBOSA, 2008).

No âmbito histórico/antropológico, quanto às obras, permite um olhar mais específico sobre o momento histórico em que foram produzidas, sobre a vida e obra do artista, o contexto em que viveu, bem como os significados que a obra carrega diante da nossa e de outras culturas. Há também o âmbito crítico/social, que estimula a pensar criticamente sobre a sociedade em que vivemos. Os questionamentos sobre as obras artísticas devem ser formulados visando extrair reflexões pertinentes à sociedade e a cultura em que se vive. Por último, a autora traz o âmbito biográfico, que permite que se formulem questões que propiciem estabelecer uma relação entre a obra e sua história pessoal, pautada em seus valores e crenças (BARBOSA, 2008).

É importante explorar algumas questões tendo em vista os âmbitos citados. Estas, podem ser exploradas no momento da mediação com o público, mas é importante que o educador esteja atento aos níveis de compreensão das diferentes pessoas, facilitando o diálogo, a reflexão e apropriação do conhecimento no espaço do museu (BARBOSA, 2008).

Nesse sentido, para que a visita ao museu alcance seu potencial educativo, é necessário que seja planejada pelos educadores. Anteriormente devem ser trabalhados conteúdos relacionados ao tema da exposição em sala de aula, para que assim os estudantes consigam estabelecer relações com seus outros saberes, e que se apropriem do conhecimento no momento da visita ao museu.

Ainda na perspectiva da educação não formal, analisamos outro texto, “A arte que cabe na palma da mão: outros olhares, outras Histórias em imagens, (re)conhecendo e revelando o bairro de plataforma em Salvador-BA”, dos autores Lilian Quelle Santos de Queiroz e Vladimir Santos Oliveira (2009).

O texto aborda sobre uma oficina de Arte Postal, realizada no Centro Cultural Plataforma em Salvador – BA. O objetivo específico desta oficina, foi provocar o processo de criação artística por meio da linguagem visual conhecida como “arte

postal”. Foram produzidos postais artísticos baseados na valorização e nos registros visuais históricos e culturais. Foram elaborados pelas observações, relatos e registros de imagem do lugar (QUEIROZ e OLIVEIRA, 2009).

Quanto aos espaços de educação formal e não formal, há possibilidade de atuar com diversas atividades e vivências evidenciando a história de vida de cada sujeito e ainda os aspectos sócio-culturais de onde vivem, relacionando assim os conteúdos ao repertório das artes visuais. Inicialmente, a proposta de arte-educação nesses termos, possibilitou a leitura crítica que assim permitiu ampliar o olhar e conhecimentos. Consequentemente, foi possível desenvolver o processo de criação dos postais (QUEIROZ e OLIVEIRA, 2009).

As oficinas foram realizadas no período de três meses, no Centro Cultural Centro Cultural Plataforma. Foi estabelecido que participaram estudantes entre 12 e 16 anos. Foram determinados alguns objetivos a serem alcançados, entre eles: criar postais com intuito de registrar aspectos da história e cultura local do bairro de plataforma, por meio de observações, relatos orais e registros de imagens; estimular o olhar, estabelecer a relação de perceber o bairro e registrar numa linguagem artística (Arte Postal), com intuito de aproximar arte e Cultura do cotidiano; instigar nos educandos a tomada de conhecimento sobre os aspectos que constituem a obra de arte (forma, conteúdo, técnica, composição), e ainda a relação histórica e sócio-cultural; compreender a importância da proposta de arte-educação como veículo de expressão, conhecimento e comunicação (QUEIROZ e OLIVEIRA, 2009).

No período de realização das oficinas, o planejamento das atividades contemplou o uso de técnicas das artes plásticas, sendo grafite, lápis de cor, acrílica, guache, usando como base o papel.

A realização da oficina de arte postal possibilitou estabelecer na prática a integração entre conteúdos e o domínio da arte. Isso se relaciona com a educação, história e cultura, que também possibilitou compreender a arte em sua dimensão educativa que proporciona experiências humanas (QUEIROZ e OLIVEIRA, 2009).

Portanto, se trata de mais uma possibilidade pautada na educação não formal, que valoriza principalmente os aspectos culturais e sociais, geram reflexões e novas perspectivas através do uso da imagem e outras expressões por meio da arte.

Dando continuidade à análise bibliográfica, observamos o texto “Narrativas sobre identidades femininas em um contexto de educação não formal em Artes”, da autora Mônica Lóss dos Santos (2014), que traz também algumas perspectivas da educação não formal.

Considera as narrativas, vivências, diálogos da história de mulheres de várias idades e contextos históricos que participaram de atividades em um ateliê de cerâmica em um centro cívico em um bairro de Barcelona – Espanha. A metodologia é a investigação narrativa junto aos aspectos etnográficos. A centralidade da investigação está na observação sobre as reflexões das identidades femininas que poderiam emergir em um espaço de educação não formal de práticas artísticas com a cerâmica (SANTOS, 2014).

Entrelaçar as identidades femininas e a educação não formal, se tornou um desafio para a autora. São campos que possuem complexidades e exigem aprofundamento teórico para maior entendimento. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi investigar os fazeres ou práticas artísticas que acontecem num espaço de educação não formal (atelier de cerâmica), que é frequentado por um grupo de mulheres. Também tem intenção de verificar se esse espaço oportuniza reflexões sobre os fazeres tendo em vista as identidades femininas (SANTOS, 2014).

Para compreender a singularidade de todas as narrativas das mulheres, o aprofundamento teórico foi fundamental. Tais narrativas foram articuladas com as questões das identidades femininas em um ateliê que, supostamente é um espaço que possibilita vivências e práticas artísticas que não são institucionalizadas ou formalizadas (SANTOS, 2014). O conceito de identidades femininas foi trabalhado diante da perspectiva cultural, vez que as narrativas são elementos que trazem significado para o entendimento diante do contexto investigado.

Assim, há um conceito sobre educação não formal, o qual Santos (2014) sinaliza que

[...] a educação não formal é um campo que se ajusta à situação em que o aprender e o saber ocorre por outras vias, um caminho que entrelaça o conhecimento, mas que deixa espaço para que as perspectivas individuais floresçam e articulem-se de maneira maleável à realidade de cada pessoa, onde os saberes cotidianos e os conhecimentos específicos, (no caso, a técnica cerâmica) ocorram em meio a trocas de informações, vivências,

experiências que resultam na ampliação do universo de conhecimentos dos envolvidos (SANTOS, p.724, 2014).

Nesse sentido, o espaço do ateliê se tornou, para estas mulheres, a extensão de suas casas. Estabeleceram uma relação de familiaridade e intimidade entre si e o espaço. A cerâmica de certo modo era mediadora e permitiu a construção de narrativas. Ao mesmo tempo em que as mulheres iam modelando o barro, também iam construindo narrativas sobre a vida, partilhando sentimentos e impressões sobre o cotidiano (SANTOS, 2014).

Assim, diante das perspectivas da educação não formal, o espaço do atelier de cerâmica possibilitou a capacidade de estimular cada uma das mulheres a trazer suas narrativas pessoais, de se posicionarem, refletirem sobre suas identidades. Se tornou um espaço de troca de saberes e experiências. Nesse sentido, mais uma vez é possível perceber as várias possibilidades dos espaços não formais de educação, os contextos históricos, o público que pode abranger, possibilitando grandes experiências carregadas de significados.

Outro texto analisado, foi “Estética Escolar – Os desafios da Arte nos processos de ensino informal em espaços da educação formal” da pesquisadora Juliana Gouthier Macedo (2017).

A autora traz críticas sobre o processo do ensino de arte na educação infantil realizado por estudantes de pedagogia que trazem questões estéticas referentes ao ensino de arte. Problematisa o fato de uma formação de considerar determinados aspectos do ensino como educação informal em um espaço formal de ensino.

O conceito de ensino/aprendizagem de arte traz à tona um ruído denominado “estética escolar”. Se refere às concepções estéticas que ainda são desenvolvidas em grande parte das escolas. Podem ser percebidas como base de uma educação informal nos espaços da educação formal (MACEDO, 2017).

Toma-se como ponto de partida, a perspectiva arquitetônica das instituições de ensino, que também são consideradas espaços socioculturais. Há uma conexão entre os padrões estéticos que se repetem principalmente nos espaços da educação infantil. Tais espaços, trazem em sua maioria, decorações com flores, frases, paisagens, árvores, bichos, sol com cara de gente, corações, crianças com a pele

rosada, no máximo bege, personagens de desenhos e histórias em quadrinhos entre outros. Entre os materiais utilizados, predomina o uso de E.V.A., papéis coloridos e o crepom (MACEDO, 2017).

Sobre tal prática que se arrasta há anos no âmbito da educação infantil, quase sempre fica a cargo de professores habilitados, e com isso, geralmente os professores de arte se incluem. Assim, se estabelece novamente a crítica sobre as práticas nas quais as escolas sugerem que sejam atribuição dos professores de arte.

A autora reflete sobre as concepções estéticas da Arte nas escolas e, conseqüentemente, a educação informal que acontece no espaço de educação formal.

Como educação informal, podemos remeter a Gonh (2014), que se refere a ela como aquela aprendida pelos sujeitos durante o processo de socialização, seja nos espaços familiares, bairros, cidades, locais de lazer, na escola, entre amigos, enfim, a que traz algum valor cultural e de pertencimento. Destaca ainda que a educação informal, pode ou não ser intencional.

Considerando os espaços escolares e os processos de socialização que não se relacionam previamente com os conteúdos demarcados, a concepção arquitetônica das escolas pode ser compreendida como parte da educação informal. Esta é tensionada por uma intencionalidade extracurricular que se refere ao espaço político da escola em diferentes sociedades (GONH, 2014).

Seguindo com as problematizações, há mais de um século as imagens se repetem nos ambientes escolares. Porém, as imagens que se fundem às arquiteturas improvisadas, não deixam totalmente explícita a educação informal com estética cheia de estereótipos e colonizadas. Isso vai na contramão da proposta contemporânea de formação estética/artística/poética (MACEDO, 2017). Outra reflexão, é sobre a discussão que se estende há anos sobre o fato da maioria dos professores de arte não terem formação específica para ministrar as aulas.

Quando a autora questiona uma das estudantes de pedagogia sobre o uso das imagens principalmente referentes à Disney, a mesma não observa problemas, tendo em vista que as crianças gostam. Porém, deixou de antever que as referências culturais das crianças haja vistas cada região do país, não ficou imune

ao processo de pasteurização histórico, que vem se consolidando há anos. Possivelmente os valores culturais e estéticos não tenham conquistado os muros da escola (MACEDO, 2017).

Portanto, ainda que o texto não aborda especificamente sobre um espaço informal e tampouco museus, vale para a reflexão mediante os processos de ensino e os espaços escolares que ainda reafirmam padrões que não valorizam contextos e aspectos culturais em diferentes localidades.

É necessário perceber a educação informal e todos os elementos identificados como “estética escolar” que contribuem para a formação estética de quem os vivencia.

Contudo, tendo em vista os textos analisados e as possibilidades que permeiam a educação não formal, percebemos que vários aspectos podem ser trabalhados. Abordar principalmente a perspectiva sociocultural e histórica, faz parte dos objetivos da educação e principalmente por meio do ensino de Arte.

3. MUSEU DAS BANDEIRAS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL

Este capítulo traz algumas conclusões dos objetivos do trabalho por meio dos relatos da experiência de estágio. Após a realização de estudos sobre algumas perspectivas da arte-educação e, posteriormente, análise bibliográfica sobre as possibilidades da educação em espaços não formais, partimos para o relato de experiência, ponto chave desta pesquisa, haja vistas a vivência em um espaço não formal. Será contextualizado brevemente o espaço pesquisado, Museu das Bandeiras e, em seguida, a descrição das experiências possibilitadas a partir do estágio supervisionado realizado com estudantes da escola Lyceu de Goyaz.

Figura 3 – Museu das Bandeiras



Fonte: Imagem de acervo pessoal

3.1 Museu das Bandeiras – breve contextualização

Tendo em vista o objetivo da construção deste trabalho no que se refere à arte-educação em espaços não formais, foi possível analisar as possibilidades que instituições como museus, galerias, praças podem potencializar/emergir o desenvolvimento da arte-educação.

A cidade de Goiás permite algumas possibilidades nesse sentido, pois trata-se de uma cidade histórica e culturalmente cheia de significados que pode ser um verdadeiro laboratório a céu aberto do estudo da história e da arte brasileira por meio da educação em espaços não formais.

Desde dezembro de 2001, a cidade de Goiás é considerada Patrimônio Histórico da Humanidade. Esse título de reconhecimento pela Organização das Nações Unidas para a Educação – Unesco, aconteceu a partir do contexto histórico, arquitetônico e cultural da cidade, primeiro núcleo urbano no território goiano fundado no século XVIII. Nos anos de 1950, o IPHAN havia classificado alguns dos prédios de forma isolada, e posteriormente em 1978, tombou o conjunto arquitetônico e urbanístico (IPHAN, 2014).

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, a Cidade de Goiás, que foi a primeira capital do Estado, possui um importante sítio histórico que registra o período do colonialismo no século XVIII, que também foi resultado do período de exploração do ouro. As origens da cidade estão extremamente ligadas aos bandeirantes que vieram de São Paulo explorando as riquezas do território brasileiro (IPHAN, 2014).

O conjunto de monumentos da cidade, conserva mais de 90% de sua arquitetura barroco-colonial original, demonstra registros do Brasil oitocentista e ainda um dos patrimônios arquitetônicos e culturais mais ricos do país. A tradição cultural não está voltada somente para a arquitetura e as técnicas construtivas, mas também pelo patrimônio imaterial que consiste na música, poesia, culinária e festas populares. Essas características das tradições que ainda se mantêm na cidade, caracterizam substancialmente a identidade cultural da antiga Vila Boa (IPHAN, 2014).

Figura 4 – Vista aérea da cidade de Goiás



Fonte: <https://histormundi.blogspot.com/2017/09/os-caminhos-do-anhanguera-cidades.html>

Existe na cidade, desde 1960, um escritório técnico regional do Iphan que é responsável pelo acompanhamento, manutenção e educação patrimonial. No site da instituição, o texto oficial de apresentação de Goiás reproduz a história oficial, demarcando o centro histórico e a cultura material e imaterial predominantes. Na década de 1990 e 2000, esta instituição realizou ações de conservação e restauro em edificações tombadas e junto a estas, atividades educativas por meio de projetos junto às escolas, estabelecendo parcerias com as Secretaria Municipal de Educação e a então Subsecretária Estadual de Educação, atendendo crianças e adolescentes da educação básica. Um deles foi o Projeto Viva e Reviva Goiás, que considerava

“conhecimento” como premissa para a “valorização e proteção” do patrimônio (IPHAN, 2014).

Estes foram alguns dos projetos desenvolvidos a partir da perspectiva de educação patrimonial, que somam iniciativas descontínuas e que seriam de grande importância na (re)construção histórica da cidade e também do Brasil e o desenvolvimento da consciência e sensibilidade para o valor do patrimônio.

Percebe-se a necessidade das instituições promoverem, além do objetivo de conservação da memória histórica, ações educativas que produzam o conhecimento e também a conscientização e valorização, oportunizando inclusive, o acesso a “outras histórias” que constituem o conjunto material e imaterial do patrimônio em Goiás, especialmente aquelas que consideram as narrativas dos povos remanescentes indígenas e negros deste território.

Um exemplo de outras histórias, é o reconhecimento da construção da cidade de Goiás se dar por mãos e cultura africana pela pesquisa de escavação arqueológica do centro histórico e o seu entorno, nos anos 2000 que identificou materiais cerâmicos com grafismos africanos.

Um exemplo de outra perspectiva da história de Goiás é do Quilombo Alto Santana, localizado à margem direita do Rio Vermelho, próximo à Igreja do Rosário – Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos. De acordo com a Associação do Quilombo, este reconhecimento é fundamental para que se cumpra a justiça social com o povo preto que construiu Goiás e mantenha acesa a cultura e os saberes que se manifestam pela religiosidade da Festa de São Pedro, pela Capoeira Angola, pela cerâmica, pelo cultivo de ervas medicinais, cestaria e costura.

Figura 5 – Entrega da Restauração da Lavanderia do Alto Santana.



Fonte:

<http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/2017/11/30/entrega-da-restauracao-da-lavanderia-do-alto-santana/>

Neste intento de reconstruir a história de Goiás, a partir de uma pluralidade de vozes, tem se constituído como elementos do Patrimônio Cultural Imaterial da cidade e que vale a pena destacar: Afoxé Ayó Delê da Vila Esperança, Afoxé Pilão de Prata, Bloco Caçador, Congo de Goiás São manifestações provenientes de grupos de pesquisa, educação e desenvolvimento cultural e comunitário.

Figura 6 – Bloco Afoxé Ayó Delê



Fonte:

<https://www.facebook.com/AfoxeAyoDele/photos/a.2137413519608106.1073741831.294609227221887/2137418616274263>

Paralelo a estas manifestações, persistem aquelas tradicionais referentes à Semana Santa em Goiás, cuja a Procissão do Fogaréu é uma das mais conhecidas no país, o Carnaval, a Folia de Reis e o Divino Espírito Santo.

Acerca do patrimônio edificado, as grandes construções do centro histórico de Goiás continuam sendo a maior referência na reconstrução da história cultural e artística. Dentre os monumentos tombados e o seu potencial de arte-educação. Entre eles, estão o Chafariz de Cauda, o Museu das Bandeiras, Quartel do XX, entre outros.

Estes espaços permitem explorar o imaginário, ainda mais por meio das possibilidades da Arte. Assim, resquícios históricos arquitetônicos, objetos pessoais, entre tantas outras coisas em um espaço como o Museu das Bandeiras, geram inquietações que instigam conhecer ainda mais a história dos locais e do local em que se está inserido.

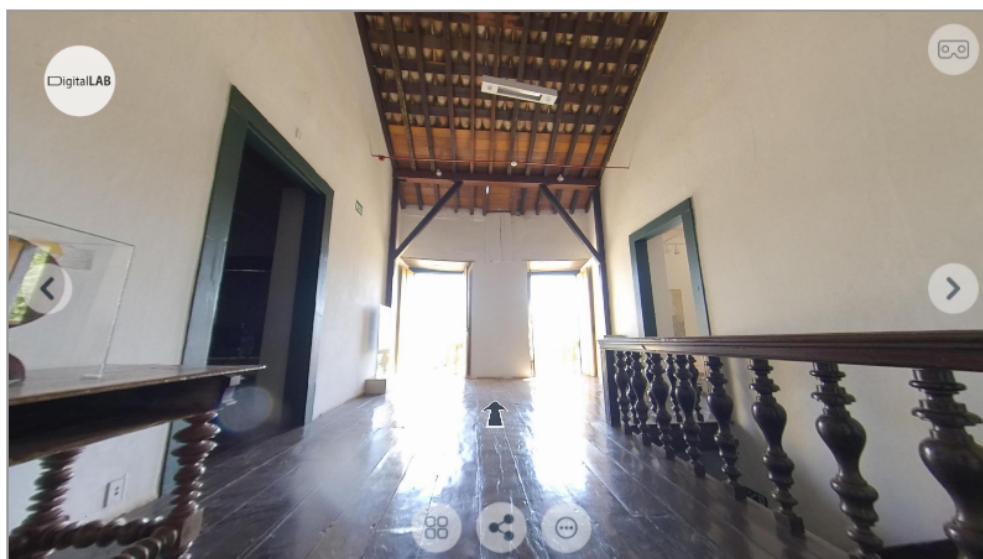
Conforme Barbosa (1989), o museu pode ser espaço de conexão entre ciência, cultura e sociedade, promovendo conhecimento por meio de exposições

permanentes, atividades recreativas, multimídias, teatro, vídeo e laboratórios. Permite despertar a curiosidade, estimulando o debate, promovendo a cidadania, formação cultural e ainda reflexões sobre si e o lugar dos sujeitos em cada período.

O Museu das Bandeiras tem em sua história desde 1954, mais de 500 objetos preservados em seu acervo. Carrega a história principalmente de povos negros e indígenas, e também de portugueses. Os objetos, vestuários, mobiliários entre outros, representam alguns períodos que também contam parte da história da cidade e dos sujeitos da época. Quanto à missão do MUBAN, se inclui preservar a memória nacional no centro-oeste do país, demonstrando as contribuições étnico-sociais ao longo da história (IBRAM, 2021).

O MUBAN foi direcionado na época para ser a casa de câmara e também a cadeia da província de Goyaz. Era dividido em duas partes na qual a parte superior abrigava a casa da câmara, com atendimento a administração da Vila Boa, como era chamada a cidade na época. A parte inferior era usada como cadeia da província na qual era dividida em três salas sendo duas masculinas e uma feminina (SILVA, 2012).

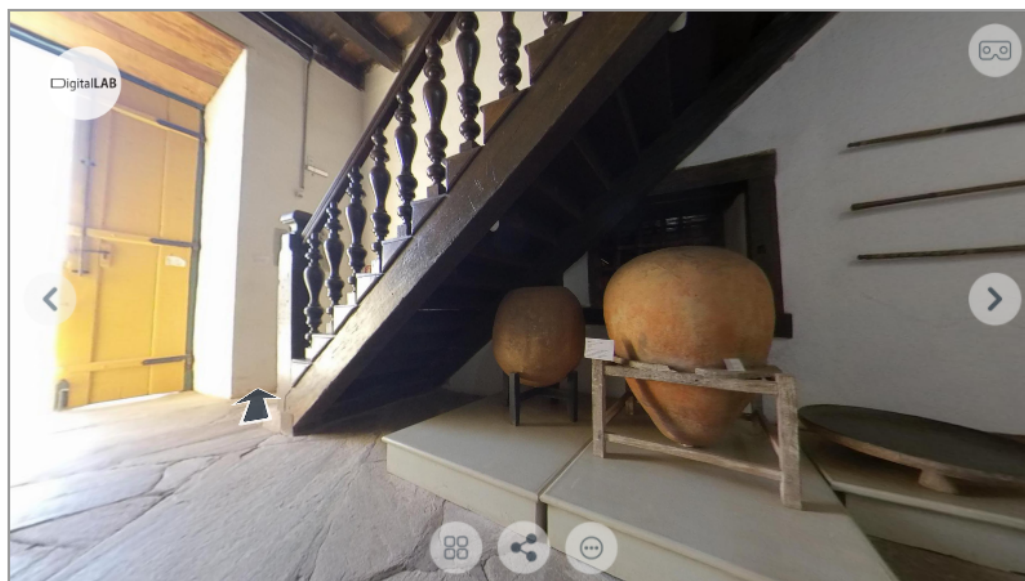
Figura 7– Parte superior do MUBAN



Fonte:

<https://museusibramgoias.museus.gov.br/museus-ibram-em-goias/museu-das-bandeiras/>

Figura 8 – Parte inferior do MUBAN



Fonte:

<https://museusibramgoias.museus.gov.br/museus-ibram-em-goias/museu-das-bandeiras/>

Atualmente, o MUBAN tem preservada a historicidade bibliográfica da cadeia e da casa de câmara, conta com materiais Indígenas da província de Goyaz e de Pilar de Goyaz; elementos símbolos da religiosidade africana e instrumentos para cunhar moedas, refino de ouro, medida de pagamento do quinto (imposto) (SILVA, 2012).

O MUBAN é um museu muito importante para a cidade, o estado de Goiás e o Brasil; possui um acervo com elementos que remontam períodos históricos e é potencialmente um espaço de arte-educação. Anterior ao período de pandemia, o museu promove periodicamente momentos de diálogos, experiências educativas envolvendo principalmente instituições de ensino superior. São momentos abertos à comunidade, proporcionando experiências em que provavelmente os moradores da cidade não tinham conhecimento.

3.2 Relatos de Experiência: “Museus, Memória e Patrimônio”

Percebemos que o papel do ensino de Arte, na contemporaneidade, possibilita ampliar modos de ver e, é fundamental para romper com as formas convencionais do ensino. Permite criar maneiras de desconstruir os significados das representações. Assim, relacionamos ao foco deste trabalho, ao qual podemos relacionar principalmente a imagem com as diversas possibilidades educativas, trazendo reflexões acerca dos processos pedagógicos e a interação dos estudantes com o cotidiano (SILVA et al, 2018).

Nesse sentido, este relato constitui uma experiência de arte-educação que possibilitou o espaço formal – Lyceu de Goyaz – entrar em contato com os espaços não formais de educação, especificamente a Casa de Cora-Coralina e o Museu das Bandeiras. A experiência aconteceu no âmbito do Estágio Supervisionado em Artes Visuais, no ano de 2019.

Estágio enquanto atividade de pesquisa, por meio da observação participativa, aproximação e imersão do contexto da instituição, sujeitos e organização e prática pedagógica, com o foco nas Artes Visuais.

O ensino da Arte possibilita o uso de espaços diversos, dentre eles os não-formais, como os museus. Assim, o interesse por enfatizar o Museu das Bandeiras no projeto de ensino como intervenção final do Estágio Supervisionado em Artes Visuais denominado “Museus, Memória e Patrimônio”, aconteceu a partir do plano de aulas de arte da professora Iolanda Aquino que observamos no Lyceu de Goyaz.

Tendo em vista a inserção no espaço de ensino formal para iniciação da experiência do estágio curricular supervisionado, faz-se necessário apreensão do contexto histórico da escola para compreensão da realidade atual mediante mudanças ao longo dos anos. Assim, por meio de diálogo com a equipe gestora e estudo do Projeto Político-Pedagógico da escola, atualizado no ano de 2018, foi possível levantar algumas informações relevantes.

Quanto ao Projeto Político-pedagógico, segundo Veiga (1998), este vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto

é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo da escola. Afirmo ainda que

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade (VEIGA, p. 1 e 2, 1998).

Assim, após análise do Projeto Político-pedagógico, e por meio do estágio enquanto pesquisa etnográfica da prática escolar, nos aproximamos da realidade da sala de aula, e conhecendo a dinâmica da escola e o plano de aula da disciplina, foi possível desenvolver atividades em espaços para além do ambiente físico da escola/sala de aula.

3.2.1 Breve histórico e organização do Lyceu de Goyaz

Figura 9 – Pátio do Lyceu de Goyaz



Fonte: Arquivo pessoal

O Lyceu de Goyaz foi fundado a partir da Lei nº 09 de 20 de junho de 1846, em cumprimento às ordens do excelentíssimo presidente da província de Goiás,

Joaquim Ignácio de Ramalho. Sua instalação na Cidade de Goiás aconteceu em 23 de fevereiro de 1847. Em 1937, o Lyceu de Goyaz transferiu-se para Goiânia, a nova capital do estado. Após 57 anos de existência em Goiânia, retornou para a cidade de Goiás, atendendo ao pedido de um ex-aluno, Dr. José Sócrates Gomes Pinto - na ocasião, representando o anseio da comunidade vilaboense. Pela portaria SEE no 6.758, de 03 de dezembro de 1993, foi implantado o ensino médio não profissionalizante no Lyceu de Goyaz a partir de 1994. Quando transferida para Goiânia, a escola passou a denominação de Lyceu de Goiânia (PPP, LYCEU DE GOYAZ, 2018).

A instituição atendia à demanda de ensino secundário (hoje ensino médio). Em 1996 passou a oferecer o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries (atualmente 6º ao 9º Ano). Em 1997, implantou-se o turno noturno e em 1999, o vespertino, passando a contar com mais de 1000 alunos por vários anos. Ficaram apenas as turmas de 5ª a 8ª séries, depois foram renomeadas de acordo com a Resolução do Ensino Fundamental de Nove Anos para 6º ao 9º ano. A partir de fevereiro de 2018, passou a oferecer II e III etapas da Educação de Jovens e Adultos – EJA (PPP, LYCEU DE GOYAZ, 2018).

Até o ano de 2018, quando iniciamos o estágio na instituição, o perfil era de um universo de 510 estudantes matriculados, dentre eles, no ensino fundamental no período matutino e vespertino, adolescentes entre 10 e 15 anos, sendo mais da metade público masculino, advindos de famílias com renda mensal até 03 salários mínimos. A escola atendia alunos provenientes de quase todos os bairros e setores da cidade e também área rural, cujas famílias exerciam várias profissões ou atividades, entre elas funcionários públicos municipais ou estaduais, pedreiros, comerciantes, autônomos, diaristas, pequenos produtores da agricultura familiar entre outros. Alguns desses estudantes possuíam necessidades específicas atendidas e acompanhadas pela escola por professores de apoio e núcleo específico para pessoas com necessidades específicas, o Atendimento Educacional Específico - AEE, sendo algumas delas distúrbios de aprendizagem, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, dislexia, autismo, deficiência intelectual, deficiência auditiva, baixa visão, entre outros (PPP, LYCEU DE GOYAZ, 2018).

Quanto aos planejamentos pedagógicos, os professores e gestores tinham acesso ao Sistema Administrativo Pedagógico – SIAP, do governo estadual, para que assim pudessem planejar diante das expectativas de aprendizagem, conteúdos, e métodos avaliativos. A escola desenvolvia até então, projetos interdisciplinares que eram pensados nos trabalhos coletivos realizados conforme calendário escolar, assim articulavam as melhores formas de trabalhar esses projetos com os estudantes.

3.2.2 Ensino e Aprendizagem de Arte no Lyceu

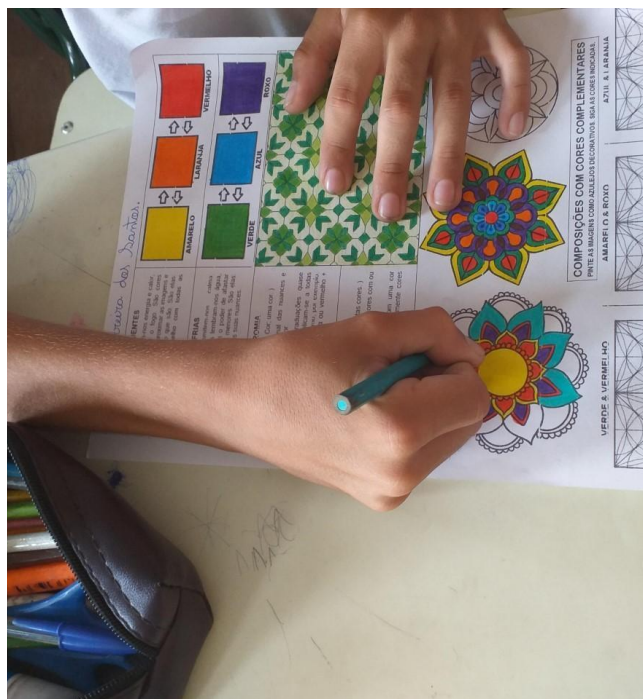
Sobre o ensino de Arte, a escola perpassa pelas diversas linguagens artísticas, propiciando atividades musicais, teatrais, concurso de dança e ainda a interatividade com pintura, desenho entre outras. Entre os projetos da escola, sempre há uma característica das artes, ainda que não seja especificamente na disciplina de arte.

No que se refere a eventos culturais, exposições de arte e demais atividades, a escola se articula para que os estudantes participassem frequentemente e prestigiassem todos os espaços possíveis, entre eles os festivais como o Festival Internacional de Cinema e Vídeo ambiental – FICA, exposições nos museus, mostras de filmes e roda de debate promovidas pela Universidade Estadual de Goiás, entre outros eventos.

A professora que supervisionou o estágio tem formação em Letras, porém, ministra algumas das aulas de artes. O estágio foi realizado em turmas de 6º ano no período vespertino. A escola não dispunha de nenhum espaço específico para a prática de atividades artísticas, também não haviam materiais à disposição para a realização de atividades específicas.

Os conteúdos a serem ministrados eram de acordo com o currículo proposto pelo Governo do Estado, e o corpo docente chegava à definição de alguns conteúdos relacionando também à alguns momentos ou eventos específicos da cidade.

Figura 10 - Registro de observação de estágio



Fonte: Arquivos pessoais, 2019.

Assim, no ano de 2018 no Lyceu de Goyaz, várias experiências foram possíveis, muitas reflexões sobre os processos de ensino, as metodologias, críticas e autocríticas, aproximação com diversas realidades de estudantes e professores, reconhecimento de como é fundamental possibilitar vivências por meio da arte como processo de ensino. Logo, como ponto específico, tentamos tornar possível uma nova experiência de ensino em um espaço não formal.

Tomamos como uma das referências para este projeto de ensino, a arte-educadora Ana Mae Barbosa com a abordagem triangular. Tal abordagem, tinha como objetivo a melhoria do ensino da arte buscando uma aprendizagem significativa. Não há um vínculo teórico padronizado para que o processo de ensino aprendizagem não seja engessado. Permite liberdade para que diante do processo de ensino estudantes obtenham conhecimento de forma reflexiva (BARBOSA, 2009). A proposta propõe três perspectivas: Apreciar, contextualizar, praticar e, não precisam acontecer necessariamente nesta ordem.

O interesse por uma ação no Museu das Bandeiras, em específico, aconteceu a partir de um encontro que tivemos enquanto estudantes de licenciatura

em artes visuais. Todos os períodos do curso realizaram uma visita mediada ao Museu das Bandeiras. Aconteceu no período noturno, no horário das aulas, e foi considerado um momento de visita técnica. Essa visita provocou algumas inquietações enquanto educadores em formação e, dialogando com as propostas de atividades do plano de aulas da professora regente da instituição em que realizamos o estágio, decidimos possibilitar aos estudantes essa vivência .

Figura 11 – Visita ao MUBAN



Fonte: Arquivos pessoais, 2019.

Neste sentido, colocando em prática as ações previstas no projeto de ensino e aprendizagem, inicialmente, realizamos uma apresentação dos quatro principais museus da cidade de Goiás por meio de imagens e uma breve explicação sobre a origem, e ainda realizamos uma contextualização histórica e cultural de cada

instituição. Os museus apresentados foram a Casa de Cora Coralina, Museu das Bandeiras, Palácio Conde dos Arcos e Museu de Arte Sacra da Igreja da Boa Morte.

Esse passo inicial permitiu a aproximação do estudante com um espaço de conhecimento e de ensino não formal, além disso, também um reconhecimento do aluno enquanto morador da cidade de Goiás e ator social da Vila Boa, patrimônio mundial reconhecido pela UNESCO.

FIGURA 12 – Visita com os estudantes ao Museu das Bandeiras



Fonte: Imagem de acervo pessoal, 2019.

Assim, os estudantes também foram direcionados ao museu para realização de visita técnica. Puderam conhecer a história do MUBAN e, consequentemente refletir sobre as questões históricas envolvidas no contexto cultural da cidade.

O desdobramento do projeto teve foco no Museu das Bandeiras, que, através do seu acervo, conta a história dos bandeirantes, “exploradores de terra e ouro que no século XVIII, vindos de Minas Gerais e São Paulo, desbravaram o centro-oeste e adentraram o sertão goiano em busca de ouro e outras riquezas, além de uma colonização do Brasil Central” (SILVA, 2012). Assim, realizamos uma breve

apresentação para que houvesse uma aproximação do estudante com o Museu e, consequentemente um maior interesse e curiosidade em saber o que se guarda de história nesse prédio que já foi Câmara e Cadeia na Cidade de Goiás.

FIGURA 13 – Visita ao Museu das Bandeiras



Fonte: Imagem de acervo pessoal, 2019.

Realizamos uma aula dentro do MUBAN, na qual os estudantes visitaram a exposição permanente do local e, também uma exposição temporária chamada Ações Poéticas Urbanas, feita pelo Coletivo de Ações Poéticas Urbanas (CAPU), onde havia obras interativas que questionavam o patrimônio legitimado da cidade de Goiás, com obras que nos levavam a pensar o território em que vivemos, por quem e para quem.

FIGURA 14 – Visita dos estudantes ao MUBAN



Fonte: Imagem de acervo pessoal, 2019.

A construção de um Jogo da Memória foi idealizada pela colega de estágio, que tinha como proposta de mediação cultural no ensino de arte, o jogo da memória como dispositivo lúdico de interação com o acervo do Museu das Bandeiras.

Enquanto arte educadores em formação, construímos um objeto mediador para as aulas a partir de fotografias das peças que compõem o acervo do Museu das Bandeiras. Era um jogo da memória, inovamos a forma de jogar ao distribuir grandes cartas com imagens e espalhar no chão o nome dos objetos. Esse momento foi realizado na escola, cada estudante tinha que buscar a palavra que dava nome à peça que estava em sua carta. Alguns não souberam qual nome atribuir ao seu objeto, por desconhecer a função e até mesmo o próprio objeto, como foi o caso do *estribo* e da *escarradeira*.

O segundo objeto mediador das aulas, consiste no livro "Museu desmiolado", que conta com 21 poemas de Alexandre Brito sobre os mais diversos tipos de museus. Tem o museu do silêncio, o museu do chulé, o museu do apelido, o museu do vento entre outros.

Propusemos que os estudantes, a partir da leitura dos poemas e com a experiência/vivência das visitas aos museus, produzissem uma visualidade referente a algum museu citado nos poemas ou inventado através de seu contexto social e imaginativo.

De acordo com Ana Mae Barbosa sobre a apreciação de arte e desenvolvimento, apreciar, educar os sentidos e avaliar a qualidade das imagens produzidas pelos artistas é uma ampliação necessária à livre-expressão, de maneira a possibilitar o desenvolvimento contínuo daqueles que, depois de deixar a escola, não se tornarão produtores de arte. Através da apreciação e decodificação de trabalhos artísticos, desenvolvemos fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade - os processos básicos da criatividade.

Acreditamos que essa dinâmica tenha tornado a visita mais criativa e participativa, além de fomentar a participação biográfica de cada estudante, seja através de sua memória pessoal, seja através de sua atenção. Com essa dinâmica, foi possível estabelecer uma mediação cultural entre os estudantes e os espaços da cidade e, os aproximamos um pouco mais da educação sobre museus.

A experiência com os estudantes, possibilitou vivenciar os âmbitos da proposta triangular conforme Barbosa (2009). Os estudantes tiveram o momento em que lhes foram contextualizados os museus, puderam apreciar os objetos artísticos e posteriormente, vivenciar a experiência por intermédio do jogo elaborado. Foi possível também a ampliação dos conhecimentos históricos e sociais.

Todo o processo formativo de estágio nos permitiu aproximação com a educação escolar/formal e a educação museal (não formal) quando atuamos como mediadores culturais durante as visitas aos museus, especificamente ao Museu das Bandeiras. Foi um momento significativo, pois percebemos uma área de atuação da formação para além da sala de aula, estendendo assim as possibilidades de ensino-aprendizagem e de espaços para atuação profissional.

Quanto aos estudantes, acredita-se que conseguimos minimamente ampliar algumas noções que tinham inicialmente sobre museus. Puderam compreender que são espaços de integração, que toda a comunidade pode vivenciá-lo. Possibilitamos aos estudantes visualizar o museu diante de sua realidade social, os cidadãos/estudantes perceberam que podem adentrar aquele território e dar voz a sua memória, fazendo ecoar histórias que há muito ficaram guardadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa consistiu em evidenciar historicamente aspectos referentes à trajetória da educação no Brasil no que se refere à arte-educação. Foi inserida no currículo educacional brasileiro assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 5.692/71. Enfatizamos a necessidade de criação de um curso superior para que contemplasse a formação acadêmica de professores para assim ministrar as aulas de arte. Discutimos o ensino não formal, que permitiu identificar que por meio da arte-educação, essa abordagem possibilita a experiência e a construção de identidades.

Identificamos que em determinadas realidades, o ensino requer estratégias de reelaboração das técnicas no que se refere à arte e suas diversas expressões. Alguns elementos caracterizam culturalmente determinadas regiões no sentido de proporcionar a experiência e a vivência de cada um e, influenciam práticas arraigadas de significados.

Tais significados foram apreendidos a partir da experiência de uma proposta de arte-educação em um espaço não formal. Foi possível oferecer aos estudantes do 6º ano do Lyceu de Goyaz, uma experiência de aproximação com um espaço educativo para além da sala de aula. Nesse espaço, foi possível identificar aspectos artísticos, históricos, entre outras experiências que se tornam únicas para cada sujeito.

Após essa vivência de visita ao MUBAN, juntamente com uma colega de estágio, a partir dos aspectos históricos identificados no museu e a intenção de uma forma lúdica de aprendizagem, foi elaborado um jogo da memória como objeto mediador do acervo do museu com a arte-educação, que foi resultado do Projeto de Ensino elaborado ao longo do período de estágio, no qual deveria ser realizado com os estudantes.

A experiência contemplou os estudantes, e enquanto educadores em formação, foi possível avaliar as possibilidades da arte-educação por meio do ensino não formal, e o que é capaz de impulsionar.

A realização desta pesquisa, mostrou que a experiência com os estudantes possibilitou vivenciar os âmbitos da proposta triangular conforme de apreciação,

contextualização e o fazer artístico. Os museus foram contextualizados aos estudantes, que puderam apreciar os objetos artísticos e posteriormente, vivenciar a experiência por intermédio do jogo elaborado. Foi possível também a ampliação de conhecimentos históricos e sociais. Foi possível perceber a importância de direcionar para as possibilidades que a educação não formal proporciona. Isso foi possível para além dos espaços da sala de aula, ampliando a percepção e o conhecimento dos estudantes.

A pesquisa bibliográfica com base nas produções científicas dos pesquisadores da ANPAP permitiu observar determinados contextos de educação não-formal e suas relações e possibilidades no ensino de arte.

Cumprir destacar a necessidade de aprofundamento em pesquisas posteriores sobre os espaços não formais de educação. Neste sentido, foi relevante observar ao longo do processo de formação desde o estágio até a materialização da pesquisa, as possibilidades que os processos de ensino permitem, e que não são enfatizados.

Portanto, a pesquisa atual instiga a continuidade e a ampliação, fundamentando em novos referenciais teóricos para dar sequência aos estudos. Até aqui, foi possível responder aos objetivos principais, e observar os significados principalmente na formação de estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae & COUTINHO, Rejane (Orgs.). *Arte-Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. A Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. In: Estudos Avançados, São Paulo, 1989.

BARBOSA, Maria Helena Rosa. A Máscara e a face: proposta de instrumento e mediação. In: Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Arte – ANPAP, 2008.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. Governo Federal. Disponível em: <<https://www.gov.br/museus/pt-br>> Acesso em 23 dez. de 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Cortes: São Paulo, 2006.

LIMA, Telma Cristiane Sasso. MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

LYCEU DE GOYAZ. *Projeto Político Pedagógico – PPP*. Goiás-GO: Março/2019

MACEDO, Júlia Gouthier. Estética Escolar – Os desafios da Arte nos processos de ensino informal em espaços da educação formal. In: Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Arte – ANPAP, 2017.

PECCININI, Daisy. Crônica dos Primeiros Tempos da ANPAP (1985 - 1991 2017). In: Anais da Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP, 2017.

QUEIROZ, Lilian Quelle Santos de. OLIVEIRA, Vladimir Santos. A arte que cabe na palma da mão: outros olhares, outras Histórias em imagens, (re)conhecendo e revelando o bairro de plataforma em Salvador-BA. In: Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Arte – ANPAP, 2009.

SANTOS, Mônica Lóss. Narrativas sobre identidades femininas em um contexto de educação não formal em Artes. In: Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Arte – ANPAP, 2014.

SILVA, Leandro dos Santos. Potencial pedagógico do uso de espaços não formais para o ensino no Museu das Bandeiras - Cidade de Goiás- GO. Trabalho de Conclusão de Curso, UEG, 2012.

SOUZA, Joana Maria de Carvalho [et al]. A história do ensino de Artes no Brasil e sua abordagem pedagógica.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). *Projeto político pedagógico da escola*: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.